

JOSÉ IRAN NOBRE DE SENA

Dayvide Magalhães de Oliveira¹

Quando o professor José Iran entrou como professor do quadro efetivo do DFIL, em 2003, faltavam apenas dois períodos para eu concluir meu curso de graduação. Nenhuma das disciplinas que eu estava matriculado era ministrada pelo professor José Iran. Não o conhecia ainda. Além disso, havia umas disciplinas que eu precisava estar matriculado, e Filosofia do Direito, à época uma disciplina optativa, não era definitivamente uma dessas disciplinas necessárias naquele contexto. Não era necessária para mim, mas alguns amigos fizeram a matrícula em Filosofia do Direito (então ministrada pelo Professor José Iran). Como naquela época o sistema de oferta de disciplinas funcionava em modo de bloco aberto, era muito comum que pegássemos disciplinas diferentes daquelas que pegavam os nossos colegas contemporâneos de ingresso no curso. Meus colegas matriculados em Filosofia do Direito estavam muito preocupados com o conteúdo da disciplina. Mas sempre faziam comentários positivos sobre como a aula era conduzida pelo professor. Comentavam acerca das dificuldades que o conteúdo oferecia. Diziam o quanto achavam a filosofia hegeliana densa. Mas, a despeito da densidade de Hegel, também ressaltavam sobre o quanto o professor era muito preparado. Admiravam a habilidade que ele tinha em costurar dialeticamente as ideias de Hegel com as ideias de outros filósofos. Esses comentários foram me chamando a atenção. Eu nunca havia pegado uma disciplina cujo foco era Hegel. Na verdade, naquela condição de graduando, eu sabia muito pouco sobre a filosofia hegeliana. Fui olhar o horário da disciplina. Vi que ela acontecia nas quartas e sextas, no horário das quatorze às dezesseis horas. Nas quartas eu tinha o horário livre. Decidi chegar mais cedo nas quartas e assistir como ouvinte. Quando o professor entrou na sala, me dirigi a ele. Pedi permissão para ver a disciplina na condição de ouvinte. Sendo solícito como costuma ser, o Professor José Iran permitiu de pronto.

O professor José Iran começou a aula daquele dia tratando sobre o conceito de Estado em Hegel. Mas o tema arrastou a aula para profundas digressões em conteúdos de Locke, Hobbes, Rousseau, Descartes, Kant; foi até Heidegger e Gadamer; e depois retornou para Hegel. Tudo esse movimento numa costura impressionantemente coerente. Mi interessava os elos dialéticos estabelecidos. E me impressionava mais ainda aquela monstruosa habilidade que o Professor Iran tinha de estabelecer aqueles elos dialéticos. Ao término da aula, vendo o professor recolhendo seus pertences, foi me dando uma certa angústia. Foi tomando conta de mim uma sensação terrível de ignorância sobre os conteúdos filosóficos. Eu percebi que as informações que eu tinha sobre filosofia eram apenas informações telegráficas. Mas aquela experiência em Filosofia do Direito com o Professor Iran havia me mostrado que a filosofia é construção de ideias e diálogos ininterruptos entre essas tais ideias. Comentei em um tom cômico com os meus amigos: “Depois dessa, só sei que nada sei!”. Apesar do comentário ter vindo em tom cômico, uma

¹ Graduado e mestre em Filosofia pela UFPI. Professor da UFPI, campus Picos.

inquietação angustiante tomava conta de mim. Não retornei mais para a disciplina. No período seguinte foi ofertada outra disciplina do professor Iran. Desta vez, Metodologia Filosófica. Novamente não pude efetuar matrícula. O caso é que eu já havia cursado essa disciplina. A oportunidade de aprender mais com o professor José Iran veio quando ele resolveu abrir um grupo de estudos sobre Hegel e o texto *Ciência da Lógica*. Ingressei no grupo.

Com o passar do tempo, descobri que o professor José Iran era também um Sifu de Wing Chun. Sifu é o título de mestre em uma determinada arte marcial. Nesse caso específico, kung fu (Wing Chun é um estilo de kung fu). Eu, junto com outras pessoas, comecei a instigar o professor José Iran a nos ensinar aquela arte marcial. Não demorou muito, a turma estava formada. Nos reuníamos todos os domingos pela manhã. Treinei durante um ano. Tive que sair. Começava uma especialização, eu já era professor e havia me tornado pai. Mas esse encontro de um ano serviu para me aproximar da pessoa José Iran. Foi aí que comecei a conhecer a pessoa organizada, disciplina e, sobretudo, bastante generosa. Duas características inegavelmente ressaltam da Pessoa Iran: amante incondicional da filosofia hegeliana e generosidade sem limites. Ele também havia aberto as portas da sua residência para nos ajudar a desenvolver leitura de textos filosóficos em língua alemã.

Com uma especialização que ingressei em 2006, veio finalmente a oportunidade de ser aluno numa disciplina ministrada pelo professor José Iran. A especialização era em Teoria do Conhecimento, e a disciplina ministrada pelo professor Iran tratava sobre o conceito de Certeza Sensível na Fenomenologia do Espírito (texto de Hegel). Aquele semestre foi bem intenso. A disciplina foi dura. Mas a maestria do Professor/Sifu Iran nos ajudou bastante. Ele aplicou uma metodologia de atividade avaliativa bastante interativa. Consistia basicamente em fazermos as famosas atas de aula. Na aula seguinte, ele escolhia aleatoriamente dentre os alunos uma ou duas atas para começar as aulas. Então, a exemplo de Hegel, o professor começava o conteúdo daquele dia estabelecendo um movimento dialético dos conteúdos a partir da perspectiva temática dos alunos. Isso era particularmente bom sob o aspecto didático. O diálogo com a complexidade dos conteúdos era estabelecido a partir da simplicidade do olhar do discente sobre as temáticas de estudo. Essa metodologia me provocou bastante interesse. Guardadas as devidas proporções, eu a emprego com meus alunos. Essa foi para mim uma espécie de meta-lição: afora entender um pouco sobre o conceito de Certeza Sensível, também fui particularmente presenteado com uma estratégia didática de ensino em filosofia. Ainda hoje faço uso daquele presente. Em 2008 nossa relação de professor aluno acabou e começou nossa relação profissional de chefe e colaborador (esses os termos empregados pela administração...). O professor José Iran assumira o cargo de Coordenador do Curso de Filosofia Modalidade EaD; eu assumi a função de tutor a distância do curso. Inicialmente o curso começou a funcionar em dois polos de apoio presencial: Florianópolis e Uruçuí. Eu não entendia praticamente nada sobre tecnologias, procedimentos de atuação virtual, ambientes virtuais de aprendizagem... Tivemos dois dias de treinamento, mas não foram suficientes para mim. Então, mais uma vez o Iran se constituiu como um professor para mim. Desta vez, em tecnologias da informação digital.

Ah! E sobre aquela especialização... No dia da defesa do trabalho de conclusão do curso eu pude contar com o apoio do Professor Iran. Ele estava lá na plateia. Foi oferecer seu apoio moral. Uma gentileza que só demonstra o tamanho de sua generosidade. Como costumava brincar com ele: é nobre até no nome.

Em 2010, 2011 o professor José Iran deixou o ensino a distância e foi embarcar no seu processo de doutoramento na UFMG. Perdemos o contato direto. No fim das contas, posso dizer que o Professor José Iran Nobre de Sena me ensinou sobre muitas coisas, nas mais diferentes oportunidades e sob muitos aspectos. Trabalhamos juntos por

exatos três anos no ensino a distância. Construímos uma amizade pessoal, e o carinho e gratidão que temos por essa pessoa generosa é grande.